



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal de Piracicaba

Data: 23/05/2009

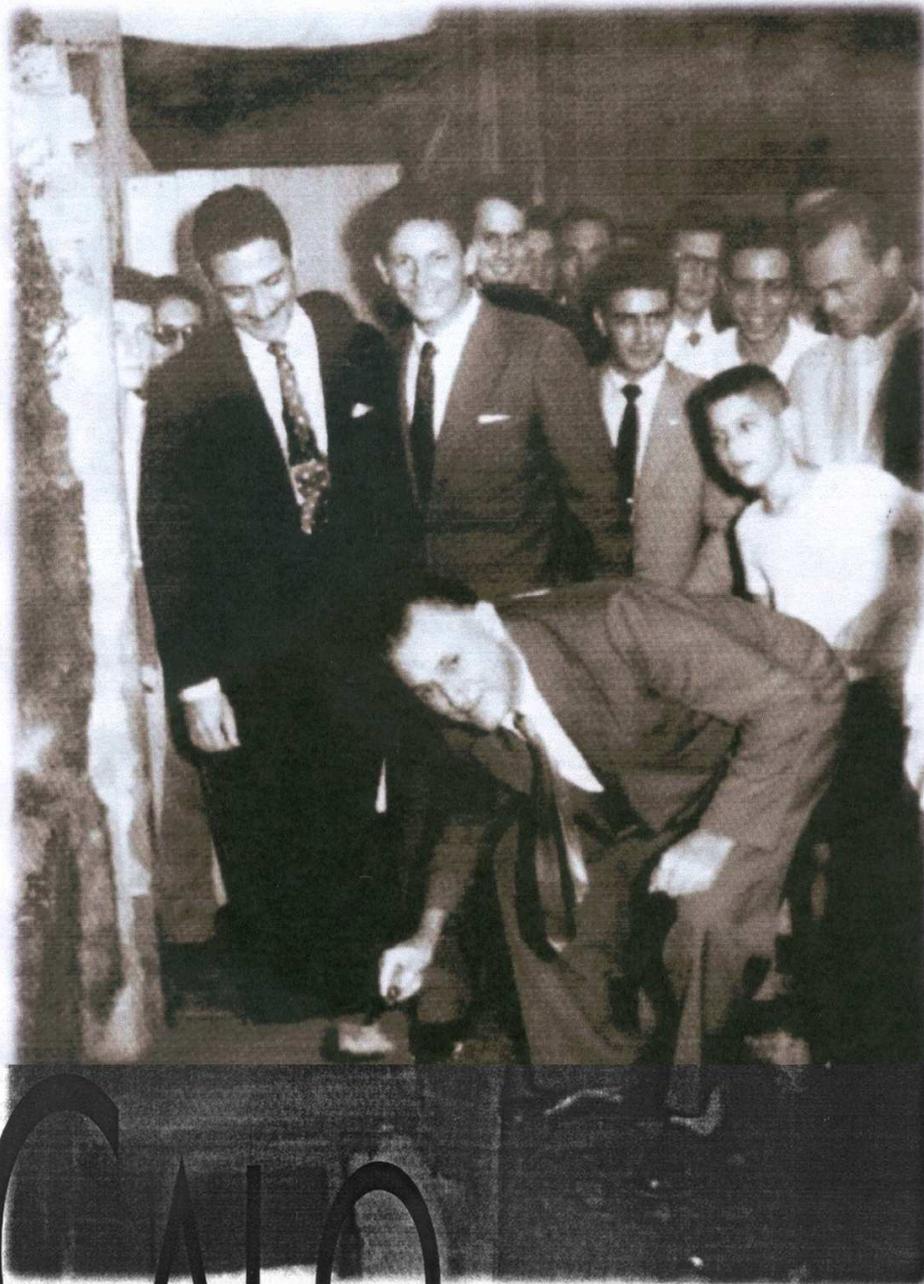
Caderno / Página: Memória

Assunto: Calq constrói 100 anos de história

Memória

JORNAL DE PIRACICABA Sábado, 23 de maio de 2009

Reprodução/Jornal de Piracicaba



CALQ

No dia 23 de maio de 1909, um grupo de estudantes criava o Centro Acadêmico Luiz de Queiroz. Na foto, o representante do Ministério da Educação e Cultura José Salvador Jullianelli, o presidente do centro na época, Antonio Dinaer Piteri, e o então prefeito Luciano Guidotti durante o lançamento da pedra fundamental da sede no final da década de 50.

CONSTRÓI 100 ANOS DE HISTÓRIA

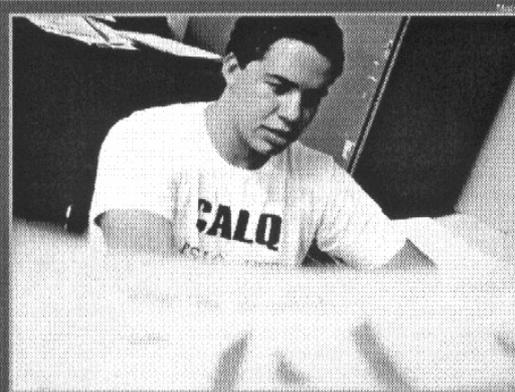
HISTÓRIAS DOS 100 ANOS DO CALQ

MARCELA BENVENUTO
marcela@ijjournal.com.br

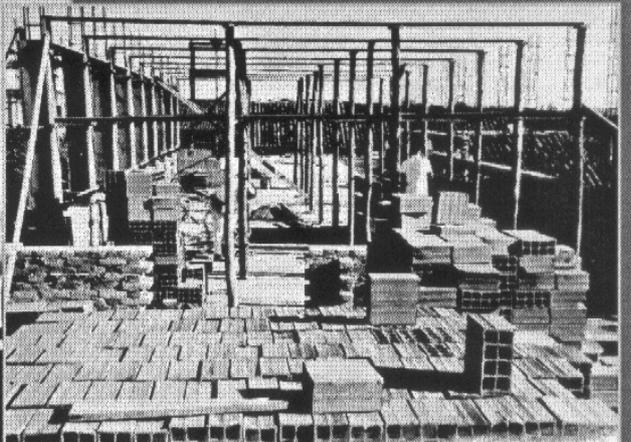
É preciso entrar em um quebra-cabeça de histórias para trazer à tona a memória oral e impressa de um grupo de alunos da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) que se reuniu em 1909 para produzir O Solo, uma revista de artigos técnicos sobre agricultura. Surgia ali, sem grandes pretensões, naquele domingo, dia 23 de maio de 1909, o Centro Agrícola Luiz de Queiroz, que posteriormente se transformou em Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), órgão que atualmente representa os estudantes de engenharia agrônoma, engenharia florestal, ciências econômicas, ciências dos alimentos, ciências biológicas e gestão ambiental. Hoje, data do seu centenário, é preciso colocar algumas peças no lugar e perceber como o centro ainda faz história.

O aparecimento do Centro Agrícola foi na verdade resultado da necessidade dos alunos da escola de se expressarem, se organizarem e também criarem seus próprios projetos. Da sua primeira diretoria, composta em 1909 por Luiz Teixeira Mendes (presidente) e José Fonseca Ferreira (vice-presidente), muito se fez até hoje. No livro "Esalq 75 (1901-1976) - 75 Anos a Serviço da Pátria", organizado por um grupo de docentes da instituição, é possível recorrer a um registro da revista O Solo número 5, página 258, que diz: "No dia 23 de maio de 1909, no prédio número 173 da rua do Comércio, reuniram-se 21 moços, alunos da Esalq para tratar da fundação de uma sociedade que devia ser formada por membros do corpo discente do referido estabelecimento de ensino e por elementos já saídos da Escola".

Esse grupo, até então desconhecido, foi formado por Aparício Corrêa da Silva, Fausto Luz, Nelson Martins, José Theodoro da Costa, José Fonseca Ferreira, Martiniano Medina, Firmino Franco, Marcello Lobato, Irineu Felix Pedroso, Bernardo Lorena, Plínio Pompeu, Carlos Teixeira Mendes, Daniel Schilltler, Joaquim Junqueira, Willian Wilson Coelho de Souza, Joaquim Botelho Filho, Arthur Torres Filho, José Machado Sant'Ana, José Junqueira, Modesto Loes e Anthero de Souza.



O presidente Samuel Ferreira Balheiro fala sobre a necessidade de encontrar uma história única para o centro acadêmico.



Construção do prédio no terreno da rua Voluntários de Piracicaba na década de 60.



O ex-ministro Roberto Rodrigues foi diretor do departamento cultural do Calq.



Perspectiva da projeto da sede própria do Calq na rua Voluntários de Piracicaba.

Foto da solenidade de inauguração do prédio do Calq em 23 de maio de 1963.



Perspectiva do Projeto da Sede Própria do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz.

Com o passar dos 12 primeiros meses, Torres Filho, que participou da fundação, escreveu: "De fato, lançados os alicerces do Centro Luiz de Queiroz e dele, de esforço em esforço, constituímos um foco de onde já começaram a irradiar luzes sobre a mais patriótica das cruzadas que possa ser empreendida em prol de nosso caro Brasil: o surgimento de sua desafiada agricultura". O Calq caminhava.

Desde 1910 o centro acadêmico queria uma "casa". O grupo, antes acostumado a fazer reuniões em locais distintos, foi transferido para um sobrado na rua Moraes Barros, 69, nos altos do **Jornal de Piracicaba**, em 1916. Já em 1918, sob a presidência de Francisco Pereira Lima, o grupo foi novamente transferido para a rua Alferes José Caetano, 66b. Ao que se sabe, foi com Romeu Ripoli, em 1939, que surgiu um departamento de patrimônio no centro e em março de 1941, a sede foi transferida para a rua Prudente de Moraes. Foi neste en-

dereço que começou a luta pela aquisição do prédio na rua Voluntários de Piracicaba, 429, que aconteceu em 23 de maio de 1963, há exatos 46 anos, com discurso de Roberto Cano de Arruda, então presidente, gravado pela Difusora de Piracicaba e transmitido pela A Voz Agrícola de Piracicaba (**leia mais na página 5**).

O projeto da obra foi elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura, com case da campanha de assistência ao estudante dirigida por José Salvador Jullianelli e financiamento da Caixa Econômica Federal. Na época, Jânio Quadros, presidente, recomendou no orçamento de 1962, que a verba destinada ao Calq fosse de três milhões de cruzeiros, ao mesmo tempo em que determinava e autorizava à Caixa Econômica Federal firmar um empréstimo de seus milhões de cruzeiros. Figura fundamental nesta época, e neste trâmite, segundo presidentes e alunos, foi Jullianelli, que até fez a solenidade de comemoração da pedra fundamental no prédio da rua Voluntários de Piracicaba.

"Temos um grande problema em contar a nossa própria história. Escutamos muitas coisas, passamos essa história oral para frente e, claro, esses causos são transformados. Precisamos encontrar uma história única do Calq", fala Samuel Ferreira Balieiro, 22, presidente da gestão centenária. "Nessa gestão o foco foram as comemorações do centenário que exigiram um longo planejamento e também a continuidade da preservação dos nossos documentos", aponta o presidente.

O prédio da rua Voluntários de Piracicaba foi vendido em janeiro deste ano por R\$ 550 mil à vista. O tema foi discutido em assembleia e aprovado por um quórum de mais de 400 pessoas. "O dinheiro será usado para a compra da nova sede que com certeza será fora da universidade para termos mais autonomia", completa Balieiro. Há quase cinco anos, a sede atual do Calq é na Esalq.

engenheiro agrônomo da turma 1966, atualmente professor titular no departamento Economia, Administração e Sociologia da Esalq, ex-diretor da escola na gestão de 1995 a 1999 e diretor da Fealq (Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz).

Segundo Neves, todo aluno da Esalq era atuante junto ao Calq. "Todas as noites a sede ficava repleta de estudantes dado a sua importância. O Calq era responsável pela elaboração e impressão de apostilas didáticas, organização de eventos, reuniões culturais, políticas e esportivas, excursões e estágios de férias, principalmente junto aos órgãos da Secretarias de Estado como o da Agricultura. Praticamente toda atividade discente era agendada pelo Calq que tinha um relacionamento forte e estreito com a diretoria da Esalq e com o corpo docente", diz.

"Foram inúmeros projetos, mas o mais importante em minha opinião, com o apoio e colaboração de todos os alunos, foi o de término da construção do prédio do Calq. Todos se envolveram com esta causa, por meio da venda de rifas em suas cidades de origem, campanhas de arrecadação de tijolos, telhas, cimento, e outros. Foi uma onda de envolvimento e comprometimento da tarefa de ter sua sede própria, independente, coisa rara nos anos 60, quando os diretórios ou centros acadêmicos ficavam dentro das unidades de ensino e dependentes das diretorias das mesmas", afirma Neves, que participou de atividades no Calq por mais de cinco anos, com ênfase na diretoria da AAALQ (Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz), na época vinculada ao Calq.

Segundo o historiador Fábio Chiarinelli, formado pela USP, os associados do Calq eram muito corajosos. "Eles não eram partidários. Nos anos 60, o Calq era a instituição importante e ativa da cidade pelo que percebi pesquisando em sua documentação. Es-

se cenário só muda quando o Brasil começa a se industrializar, se tornar urbano. E quando a economia brasileira se industrializa, temos uma decadência natural. Hoje ele não tem mais o peso dos anos 60 simplesmente porque são outros tempos", completa o historiador.

LAÇOS DE CHUMBO

Foram nos anos de chumbo, em plena ditadura, que o Calq fez e provocou mudanças. Criou laços de amor fortificados até hoje. Roberto Rodrigues, engenheiro agrônomo formado na Esalq em 1965, e ex-Ministro da Agricultura, entre 2003 e 2006 conta que teve com o Calq uma relação intensa. "Eu jantava na minha casa todas as noites e depois ia para o Calq, onde tinha algumas responsabilidades e, claro, depois tinha a diversão", relembra Rodrigues, que destaca como seu principal ponto de atuação na época a presidência da comissão da reforma de ensino. "Foi antes da Revolução de 64 e provocamos uma profunda reforma no currículo escolar. A luta iniciada por Irineu Koyama foi culminada depois da revolução na qual eu fiz uma carta ao conselho técnico do departamento da faculdade, invadi uma reunião para ler uma carta. Aprontamos. Hoje penso como que conseguimos fazer tudo aquilo. Eram outros tempos", fala.

Rodrigues foi diretor do departamento cultural do Calq, organizava palestras, levava políticos ao local para conversar com os alunos, fazia com que os alunos exercessem sua liberdade. "Era uma área de provocação ideológica. Nossa ideia era produzir o debate. Vivíamos o clima de liberdade exagerada, um ambiente propício a esse tipo de radicalização", fala o ex-ministro que che-

gou a integrar a Sociedade Paulista de Agronomia como representante dos alunos. "Naquele tempo existia a Sociedade Paulista de Agronomia, que é hoje a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, que era presidida pelo José Calil. Ele fez uma coisa extraordinária, criou um cargo para o estudante, que não tinha direito a voto, mas a voz. Aquilo foi uma escola, uma vez por semana eu ia para São Paulo e convivia com gente mais velha. E como consequência desse trabalho, propus a montagem de uma reforma do ensino", relembra.

A memória faz Rodrigues lembrar do primeiro parágrafo do discurso proferido por um vereador quando Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) esteve na cidade. "O texto dizia, 'Brasileiro que marchou resolutamente ao centro dos vastos campos gerais e lá fez brotar em ânsias de crescimento o colosso da nova capital'. Foi marcante", diz ligeiramente emocionado. Rodrigues, que também participava da cooperativa do Calq, viu o trabalho por outros ângulos: foi o primeiro vice-presidente da Organização das Cooperativas da América; presidente da Organização Internacional de Cooperativas Agrícolas, presidente do Conselho Continental para as Américas e presidente da Aliança Cooperativa Internacional.

"O Calq me propôs uma vida acadêmica diferenciada, com ênfase na política, no esporte. Eu jogava futebol de salão e vôlei e viajava muito com a Esalq. Me lembro que quando saía do Calq à noite, ia com os colegas para os bares, como o Giocondo e a Braserie, para continuar os debates. Era um conagraçamento, uma verdadeira escola de vida que se estendia noite adiante. Fico emocionado em contar tudo isso. Se foram 100 anos, foram muitas vidas e histórias da gente", declara Rodrigues, autor do livro "Pequeno Dicionário Amoroso da Esalq".

CENÁRIO POLÍTICO

"O cenário político nacional no período acadêmico (1962-1966) foi conturbado pois passamos três anos vivenciando a Revolução de 1964. Foi um período difícil para as manifestações acadêmicas-estudantis, onde alguns colegas foram perseguidos, outros passaram por acarações junto ao Dops (Departamento de Ordem Política e Social), mas todos continuaram seus estudos na Esalq. Um ponto altamente positivo foi que o Calq manteve-se firme e de forma corajosa, ao lado de uns poucos Centros Acadêmicos, entre eles, o XI de Agosto da faculdade de direito da USP (Universidade de São Paulo), não foram transformados em diretórios acadêmicos, com interferência das unidades de ensino", relembra Evaristo Marzabal Neves, 67,

Para a sua impressora
 compre o melhor
 TONER SOFLY
 para a sua impressora
 Canon, HP, Epson, Ricoh,
 Brother, Xerox, Kyocera,
 Samsung, Lexmark, etc.
 TONER SOFLY
 para a sua impressora
 Canon, HP, Epson, Ricoh,
 Brother, Xerox, Kyocera,
 Samsung, Lexmark, etc.
 TONER SOFLY
 para a sua impressora
 Canon, HP, Epson, Ricoh,
 Brother, Xerox, Kyocera,
 Samsung, Lexmark, etc.

R. Benedito - Casa nº 2351 - Fone: (51) 3424-6600

CENTRO É RECONHECIDO COMO CELEIRO DE LÍDERES

MARCELA BENVEGNI
marcela@jijournal.com.br

A real função de um centro acadêmico é a de contribuir para a construção de uma consciência crítica entre os estudantes, ao estimular o debate de idéias, ao fomentar a cultura e promover a integração entre os acadêmicos. O Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), ao longo de seus 100 anos, fez mais. O centro quebrou as fronteiras da universidade e se espalhou pelo Brasil, por conta dos representantes que participaram da sua história. Sua existência e sua permanência no cenário nacional são reconhecidas pelo diretor da Esalq, Antonio Roque Dechen - membro do conselho editorial do *Journal of Piracicaba* -, e pela reitora da USP (Universidade de São Paulo), Suelly Vilela.

Dechen revela que o Calq tem uma importância muito grande para o país, não só por conta do seu centenário. "Eles são uma instituição organizada. E se revelaram assim desde o início. Por exemplo, sabemos quem foram os presidentes desta organização, quais foram suas gestões, o que esses presidentes fizeram. O Calq é uma das poucas entidades que sabemos parte da história, história que também se estendeu à comunidade, que foi participante de centenas de suas ações", fala o diretor da Esalq.

"Como organização estudantil, o Calq, que em seu prédio tinha uma estrutura invejável com barbeiro, cooperativa de consumo, e outros, fazia e faz ainda com que as pessoas que vivenciam aquela rotina e ações tenham um processo de aprendizado político grande. Quantos líderes políticos não passaram por ali? Muitos", afirma Dechen, que ressalta a permanência do Calq como centro acadêmico no Brasil: "O Calq é uma das poucas entidades estudantis que chega aos 100 anos, e um dos únicos a manter o nome centro acadêmico, uma vez que, nos anos 70, todos foram transformados em diretórios", fala.

O diretor conta que nos anos 70, a sede na rua Voluntários de Piracicaba era um ponto de encontro do movimento estudantil diariamente. "O presidente do centro era uma autoridade, estava presente nas atividades mais importantes do município. Eles sempre honraram o nome de Luiz de Queiroz e o nome da Esalq como um todo", fala Dechen.

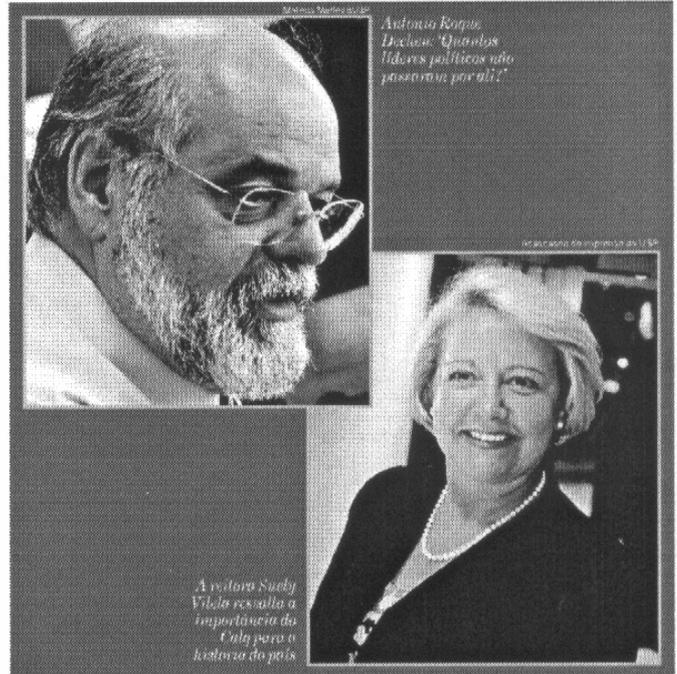
"Hoje vivemos uma outra sistemática, outra realidade. É preciso entender que o tempo passou. Seria difícil os estudantes irem ao prédio hoje como iam antes, porque as necessidades são diferentes. O acesso à informação é facilitado. É importante ressaltar que a organização como formação estudantil sofre cobranças. As pressões fazem com que seus membros tenham um

amadurecimento grande, que pode nem ser percebido na universidade, mas com certeza será notado quando o jovem sair dela. Isso é o Calq, e poucas instituições têm uma história desta ordem", finaliza o diretor.

RECONHECIMENTO PLENO

"A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz sempre se notabilizou pelo pioneirismo nas diferentes atividades que compõem o universo acadêmico da Universidade de São Paulo e pelas iniciativas de impacto à vida nacional. Não surpreende, portanto, que o Centro Acadêmico Luiz de Queiroz, o Calq, tenha se distinguido ao longo dos 100 anos de existência pela capacidade de interlocução não só com os alunos, especialmente nas grandes questões nacionais, mas, também, com a sociedade piracicabana, pelos exemplos de liderança e cidadania", fala Suelly Vilela, reitora da USP.

Segundo ela, o Calq é um dos mais antigos centros acadêmicos da história do país e foi celeiro de grandes personalidades, que se destacaram em diferentes setores da sociedade brasileira e contribuíram decisivamente para os rumos da nação. "É com grande orgulho que cumprimento, na pessoa do atual presidente, Sa-



Antonio Roque Dechen: "Quantos líderes políticos não passaram por ali?"

A reitora Suelly Vilela ressalta a importância do Calq para a história do país

muel Ferreira Baleiro, os alunos de ontem e de hoje, que representam e representam a força estudantil da Esalq ao conjugarem

seus esforços e inteligências no ambiente fértil do Calq. Que a atuação digna e construtiva prosiga sendo a tônica desse espaço

que representa não só o movimento estudantil, mas, também, a classe agrônoma de nosso Estado e do nosso país", finaliza.

INAUGURAÇÃO DE MEMORIAL MARCA COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO

As comemorações do centenário do Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq, começaram na segunda-feira, dia 18 de maio, e terminam hoje, na data da comemoração oficial, às 12h, na Chácara Gobbo, com uma confraternização extensiva aos docentes, alunos, ex-alunos, e a toda a comunidade piracicabana - o convite custa R\$ 15. Entre todas as atividades, a que mais marcou o evento foi a inauguração do Memorial do Centenário, uma instalação permanente na qual encontram-se gravados os nomes dos presidentes que passaram pela gestão do Calq, desde 1909, ontem, na Esalq.

O ato teve significado histórico, já que foi feito no gramado central da Esalq, próximo a herma de Luiz Vicente de Souza Queiroz e ao lado do exemplar de pau-brasil, que fora plantado também por representantes do Calq em 3 de junho de 1935, data da inauguração do monumento em homena-

gem ao idealizador da escola. A obra é do suco Ferdinando Frick, que venceu um concurso promovido pelo Calq na época.

A solenidade foi acompanhada ontem por vários ex-presidentes do Calq, como Aristeu Mendes Peixoto, Roberto Rodrigues e Samuel Ferreira Baleiro, que ao lado do diretor da Esalq, Antonio Roque Dechen e de Fernando Penteadro Cardoso - membro do Calq em 1933, que esteve presente no plantio do pau-brasil - descerraram a placa comemorativa. "Estamos aqui para celebrar o passado e construir o futuro", salientou Baleiro, presidente da gestão centenária do Calq. Dechen ressaltou a importância histórica do evento e Cardoso acredita que a Esalq "ainda é o templo em que voltamos para matar a saudade".

Na sequência, Roberto Rodrigues, engenheiro agrônomo formado pela Esalq em 1965 e ex-ministro da agricultura, ministrou a palestra A Crise e o Agronegócio - Perspectivas do agronegócio no Brasil e

no Mundo. Às 19h30, uma sessão solene comemorou o primeiro centenário do Calq, com apresentação do Coral Luiz de Queiroz e homenagem aos ex-presidentes.

ATIVIDADES REALIZADAS

Durante toda a semana, o Calq promoveu atividades culturais por conta das comemorações. A abertura oficial ficou a cargo da Camerata de Cordas, parte do projeto Orquestra do Amanhã, do Instituto Baccarelli, sob a coordenação do piracicabano Renato Bandel, professor de viola do Baccarelli, no dia 18 de maio. Na apresentação, que aconteceu no Teatro Municipal "Dr. Losso Netto", os integrantes da orquestra executaram um repertório eclético com composições de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791); Ed-

ward William Elgar (1857-1934); Astor Pantaleón Piazzolla (1921-1992); e Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

Na terça-feira, dia 19h, às 12h, foi a vez do "Rucas Musical", com o Grupo Choro de Saia, em frente ao Centro de Vivência (CV) da Esalq. Na quarta, dia 20, às 12h, a Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz promoveu uma apresentação da Tობალ, que é a Torcida Organizada Baixaria Luiz de Queiroz. Às 20h30, o ButeCalq reuniu os alunos para uma confraternização. Na quinta-feira, dia 21, às 12h, o evento foi marcado pela palestra A Universidade em Tempos de Crise - Debate Sobre as Lutas do Movimento Estudantil na Atualidade, na frente do CV, da Esalq, ministrada por Guilherme Augusto Messias Rodrigues, membro do DCE (Diretório Central dos Estudantes) livre da USP Alexandre Vannuchi Leme. Ainda na quinta-feira, às 21h, aconteceu o CineCalq, uma uma ses-



Roberto Rodrigues, Aristeu Peixoto, Fernando Cardoso, Samuel Baleiro e Antonio Roque Dechen descerram a placa comemorativa

são de cinema exclusiva para os estudantes da escola, no Cine Araújo, no Shopping Center Piracicaba. O filme escolhido foi

"Anjos e Demônios", baseado no livro de Dan Brown. Os ingressos se esgotaram. (Marcela Benvegni)

PRESIDENTES DEIXARAM SUAS MARCAS

MARCELA BENVENI
marcela@jornal.com.br

Ao longo de seus 100 anos completados hoje, o Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) teve mais de 90 presidentes. Alunos com personalidades marcantes, que no futuro tornaram-se expressões no cenário acadêmico, empresarial e político, e contribuíram para o fortalecimento do centro, passaram pelo espaço. Todos deixaram suas marcas e fizeram história junto ao segundo mais antigo centro acadêmico do país.

O Calq foi inaugurado com a finalidade de se praticar o exercício da cidadania, promover debates e ouvir reivindicações dos estudantes, uma iniciativa que muito contribuiu para estabelecer uma relação profícua com a comunidade esalqueana e a cidade de Piracicaba. Desde o princípio, o Calq contou com a direção de líderes. Seu primeiro presidente foi Luiz Teixeira Mendes (1909), integrante da segunda turma de agronomia. Especialista nas áreas de fruticultura e silvicultura, participou da implantação, em 1905, do projeto original do parque da Esalq, idealizado pelo arquiteto-paisagista belga Arsênio Puttemans e inaugurado em 1907. Também presidiu o Calq na gestão de 1922/1923, o engenheiro agrônomo formado em 1912, Philippe Westin Cabral de Vasconcelos.

Ele foi docente do departamento de horticultura (1914-1960), professor emérito, diretor da Esalq, e editor da revista de Agricultura. Vasconcelos teve atuação decisiva na consolidação do Parque da Esalq, o qual passou a levar o seu nome a partir de maio de 1986.

Titular da cadeira de física e meteorologia da Esalq, o engenheiro agrônomo formado em 1945, Admar Cervellini, atuou como presidente do Calq em 1945/1946. Cervellini integrou a equipe de pesquisadores que formou o Centro Nacional de Energia Nuclear na Agricultura (CNEA), atual CENA, com objetivo de concentrar as pesquisas com auxílio de energia nuclear em um único local.

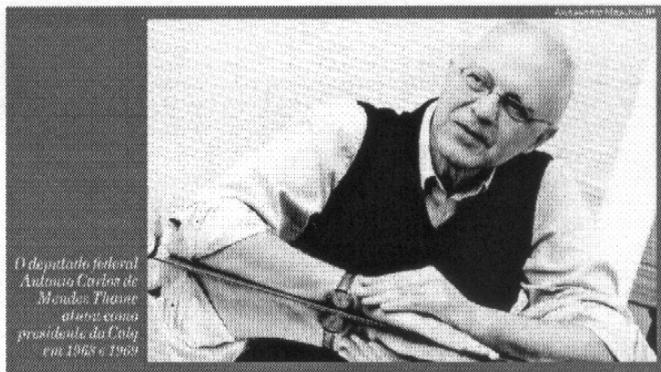
O engenheiro agrônomo Aristeu Mendes Peixoto - formado em 1949 - e também diretor da Esalq entre os anos de 1978 e 1982, destaca que quando assumiu o Centro ele ainda funcionava na rua Prudente de Moraes e as dificuldades financeiras eram grandes. "Tínhamos biblioteca, sala de jogos, salas de aula para reforço escolar das disciplinas oferecidas nos cursos da Esalq. Naquela época o Centro apresentava uma atividade vibrante e todos os estudantes frequentavam diariamente. A Esalq era a única instituição de ensino superior da cidade e por isso estávamos presentes nos principais eventos socioculturais", conta.

"Na minha administração foi criada, com apoio do deputado Luiz Gonzaga, a Semana Luiz de

Queiroz, acontecimento que valoriza a escola e a própria profissão de engenheiro agrônomo, uma vez que permite uma integração muito forte entre alunos atuais e ex-alunos, que trocam conhecimento. O Calq tinha muita força em manifestações sociais em favor dos movimentos estudantis e acadêmicos. Ao completar 100 anos, a união é o valor a ser praticado como fator de retomada da força dos estudantes em prol dos seus objetivos", reflete Octavio Nakano, engenheiro agrônomo formado em 1956 e presidente do Calq em 1955/56.

REFLEXOS DITATORIAIS

Nas gestões do engenheiro agrônomo formado em 1963, Roberto Cano de Arruda - 1960/61 e 1962/63 - o Calq foi palco de grandes vitórias. "Na minha gestão recebemos políticos importantes como o então governador Ademar de Barros e o presidente Juscelino Kubitschek, ocasião em que tornou-se cidadão piracicabano", conta Arruda. "Hoje o Calq comemora um século de lutas e glórias, já que sempre nos manifestamos com relação aos fatos mais importantes da sociedade e lideramos o movimento estudantil universitário no interior do Estado de São Paulo. O Calq tem a responsabilidade de representar o corpo estudantil que



O deputado federal Antonio Carlos de Mendes Thame, atual ex-presidente do Calq em 1968 e 1969

usufrui do benefício do ensino público oferecido pela Universidade de São Paulo e garantir que os estudantes retribuam à sociedade o conhecimento adquirido na forma de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo com enriquecimento das ciências agrárias e do agronegócio. Cabe ao Calq marcar sempre a sua presença e sua representatividade política", conclui Arruda.

Engenheiro agrônomo formado em 1969, com mestrado em economia rural, que atuou como presidente do Calq em 1968/69, o deputado federal Antonio Carlos de Mendes Thame (PSDB), relembra sua gestão com saudosismo. "Naquela época participar da política nacional era algo corriqueiro. Fazia parte do nosso dia a dia. Os centros acadêmicos eram incuba-

doras de movimentos políticos. Hoje essa realidade é diferente", fala Thame. "Em plena ditadura estávamos lá. Eu também fui secretário do Calq em 1965-66. Na minha gestão, discutimos fortemente a reforma universitária que teve uma imensa participação do Calq", rememora.

Segundo Thame, entre suas principais lembranças da época destaca-se o sentimento de amizade. "As amizades que fazíamos ficavam nas trincheiras das lutas políticas. Isso definia a nossa ação. Não tínhamos um partido. Tivemos um departamento de ação forte. Tudo era discutido via Calq. Na época, a cultura era muito forte, tínhamos o teatro do centro acadêmico, o coral, o cinema. Na minha gestão, também fizemos uma reforma na sede do

Calq. Foi a primeira reforma do espaço", conta.

O atual presidente do Calq, Samuel Ferreira Balleiro, comenta que é uma felicidade muito grande ser o presidente do centenário. "O Calq é um dos dois centros acadêmicos mais antigos do país e sempre foi um celeiro de lideranças políticas e agrárias. Tivemos presidentes que se tornaram prefeitos de Piracicaba e deputados, como Antonio Carlos de Mendes Thame e João Herrmann Neto. Sempre tivemos muita força aqui em Piracicaba e em nível nacional, desenvolvendo intensa atividade nesses 100 anos. O centenário é uma data relevante para toda a classe agrônoma e para o movimento estudantil. A história do Calq se mistura com a da cidade de Piracicaba".

SÍMBOLOS DOS ESTUDANTES

O grande símbolo da Esalq (Escola Superior Luiz de Queiroz), o "A Encarnado", é literalmente vestido pelos alunos. Esse logo, assim como o do Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), remete a algumas histórias. Segundo o professor Zilmar Ziller Marcos, da Esalq, um estudo sobre as tradições da universidade, a história da logomarca começou em 1931, quando o estudante de agronomia Ismar Ramos achou que seria importante que a escola tivesse um símbolo que identificasse seus atletas. "Em um certo momento, ele viu um sapo de frente, com pernas arqueadas e o corte da boca sugeria a letra A, com traçado peculiar. Ele fez o desenho do A na cor carmin e logo, o símbolo já ganhava os unifor-

mes", conta Rodrigo José Sorgatto, 21, vice-presidente da Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz (AAALQ). "São muitas histórias com relação ao A Encarnado, mas esta é a que a gente acredita hoje", completa.

Em 1938/39, Romeu Italo Ripoli - autor de "Quarenta Anos de Glórias", livro publicado com o apoio do Calq por conta dos 40 anos da AAALQ da Esalq - não satisfeito com a figura do sapo como mascote da AAALQ, viu na figura de um bulldog inglês, visto de frente, o quase perfeito encaixe do A. "Com pernas tortas e bocarra de cão, só que dando como resultado extra um mascote mais adequado para representar o espírito combativo dos agricultores nos campos de esporte", escreveu Tomaz Caetano Ripoli, em "O A Encarnado", ainda no prelo. "Posteriormente, coube ao jornalista Delphin Rocha Neto, o crédito de tê-lo batizado como A Encarnado", completa Pedro de Mello Campos, 20, presidente da AAALQ. "Foi Rocha Neto o potencializador do A Encarnado. Acreditado que o símbolo só tinha essa força hoje, por conta da sua difusão."

Apesar de não ter um nome específico, uma data de criação, ou mesmo um "pai" - como o A Encarnado - o símbolo do Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) tem relação direta com todos os alunos e cursos da escola. Segundo Samuel Ferreira Balleiro, presidente da atual gestão, o logotipo, uma espécie de flâmula, é dividido em quatro segmentos. "O primeiro desenho (superior a esquerda) representa a parte da agricultura, do madeiramento; o segundo (superior a direita) é o símbolo de uma retorta, uma máquina de destilação química, que é da área de biológicas; o desenho (inferior esquerda) é um teodolito, um instrumento óptico de medida utilizado na topografia, na geodésia e na agrimensura para realizar medidas de ângulos verticais e horizontais, das áreas de en-

LOGOTIPO DO CALQ

Apesar de não ter um nome específico, uma data de criação, ou mesmo um "pai" - como o A Encarnado - o símbolo do Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) tem relação direta com todos os alunos e cursos da escola. Segundo Samuel Ferreira Balleiro, presidente da atual gestão, o logotipo, uma espécie de flâmula, é dividido em quatro segmentos. "O primeiro desenho (superior a esquerda) representa a parte da agricultura, do madeiramento; o segundo (superior a direita) é o símbolo de uma retorta, uma máquina de destilação química, que é da área de biológicas; o desenho (inferior esquerda) é um teodolito, um instrumento óptico de medida utilizado na topografia, na geodésia e na agrimensura para realizar medidas de ângulos verticais e horizontais, das áreas de en-



Campos e Sorgatto, da AAALQ, contam a história do A Encarnado; ao lado, símbolo do CALQ

genharica; e o último desenho (inferior direita), é peculiar", conta. "Assim temos todas as nossas áreas bem representadas", completa Balleiro. (Marcela Benvenuti)

Fotos: Alessandro Maschio e Mateus Medeiros/JP

UM PRESIDENTE QUE OLHOU PARA O FUTURO

MARCELA BENVEGNI
marcela@jpijournal.com.br

Foi nas gestões do engenheiro agrônomo Roberto Cano de Arruda que o Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) construiu grande parte da sua história. Arruda foi um presidente (1960/61 e 1962/63) fora do tempo, um criador e executor de projetos que enxergava os resultados com décadas de antecedência, um apaixonado pela agricultura brasileira. Em entrevista ao *Jornal de Piracicaba*, ele narrou grandes histórias, como a vinda de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) a Piracicaba; seus encontros com Ademar Pereira de Barros (1901-1969) e Jânio da Silva Quadros (1917-1992); evocou lembranças, ficou com olhos marejados de lágrimas, e sorriu olhando para trás. Confira os melhores trechos.

Jornal de Piracicaba - Nas suas gestões como presidente do Calq, um dos maiores objetivos era a construção de uma sede própria?

Roberto Cano de Arruda - Sim. A construção do prédio era um sonho muito antigo, que começou na gestão de Antonio Dinaer Piteri (1958/59), seguida de João Pinheiro da Silveira Filho (1959/60). Eu fui presidente em 1960/61 e, na gestão do Victor Ferrão Neto (1961/62), em que eu também trabalhava, criei o Gasp (Grupo Administrativo da Sede Própria) que presidi. O Neto não era muito chegado em construção e eu adorava visitar a obra. Quando ele saiu, ninguém se habilitava a ser presidente e os alunos pediram para que eu voltasse. Quando fui eleito, na gestão 1962/63, a sede na rua Voluntários de Piracicaba, 429, foi inaugurada. Era dia 23 de maio de 1963.

JP - E a sua luta para conseguir verba para essa construção foi grande.

Arruda - Em 1960 fui para Barretos atrás do Jânio Quadros. Cheguei a pular um muro para falar com ele. Cheguei perto e entreguei um ofício do Calq pedindo a reabertura do processo e a libera-

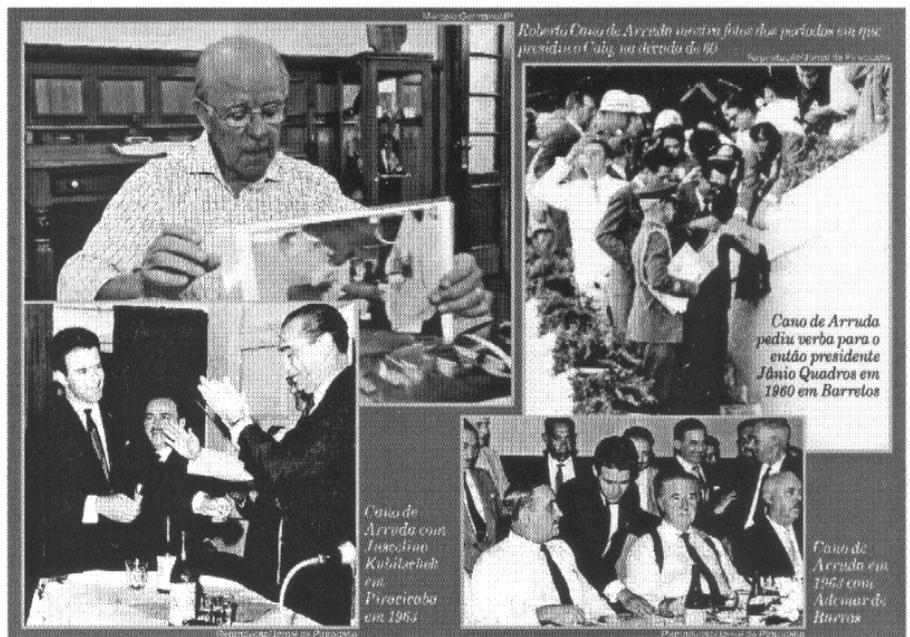
ção de financiamento da Caixa Econômica Federal para a construção. A ação estava suspensa porque ele estava substituindo o Juscelino (Kubitschek), porém JK já havia autorizado anteriormente a liberação da verba. No final Jânio disse algo semelhante a "mantenha-se o despacho exarado as folhas tais...". E finalmente o dinheiro saiu. Ganhamos o terreno e construímos a república do Pau-Preto e por meio das forças do nosso advogado, doutor Jacob Diehl Neto, ganhamos o terreno e construímos a sede. Esta foi a minha primeira ação na qualidade de presidente do Calq. O prédio saiu. Até fico arrepiado de lembrar, porque faz tempo que não falo sobre isso.

JP - E quem diria que JK iria um dia visitar o Calq pelas suas mãos.

Arruda - Trouxe o JK para Piracicaba em 1963. Ele era candidato a presidência novamente e seu símbolo de campanha era um tractor, que tinha na roda traseira escrita a sigla do seu nome e na roda dianteira 85. Conversando com Mário Carneiro, presidente do Centro Acadêmico 22 de Agosto, da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, pensamos em trazê-lo para cá, porque se sua campanha tinha como tema a agricultura, ele tinha que vir para o templo da agricultura, que é a Esalq. Como eu era metido (risos), trabalhei junto a Câmara dos Vereadores para que quando ele viesse pudesse receber um título de cidadão piracicabano. Falei com todos os vereadores e o Mário Stoff fez a propositura. Na ocasião, o Stoff disse que eu deveria discursar em nome da cidade. Foi o que aconteceu, e JK depois conheceu a sede do Calq e da Esalq.

JP - Com o objetivo de integrar os estudantes, o senhor criou o 1º Ciclo de Integração Agrária Brasileira. Como foi esse processo?

Arruda - Ademar de Barros veio visitar Piracicaba em 1963 acompanhado do secretário de agricultura da época, Oscar Thompson Filho. Na ocasião, além de apresentar os anais da escola a ele, propus que criássemos o 1º Ciclo de Integração Agrária Brasileira. O que era isso? Dentro



Roberto Cano de Arruda mostra fotos das partidas em que presidiu o Calq, na década de 60.

Cano de Arruda pediu verba para o então presidente Jânio Quadros em 1960 em Barretos.

Cano de Arruda com Juscelino Kubitschek em Piracicaba em 1963.

Cano de Arruda em 1963 com Ademar de Barros.

dos objetivos que eu tinha como presidente do Calq, um deles era integrar o estudante da Esalq no contexto e na problemática da agricultura nacional. Eu queria fazer com que o estudante tivesse idéia do que era a agricultura brasileira, não só soubesse o que era Piracicaba e suas adjacências. Queria que o estudante visse a realidade do agreste, do Nordeste, do Sul, e quando propus ao Ademar (de Barros) ele topou na hora. Fui para São Paulo na semana seguinte me encontrar com o Thompson Filho, que se formou na Esalq, e fomos despachar com o Ademar. Visitamos todos os secretários de agricultura do Brasil desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, com uma carta convite dele e uma do Calq. A iniciativa era do Governo do Estado em cooperação com o Calq. Trouxemos todo mundo para cá.

JP - É verdade que o 1º Programa de Estágio e Treinamento, uma parceria entre o Calq e

o Ministério da Agricultura, deu origem ao projeto Rondon?

Arruda - Em 1962/63 trouxemos para cá o Renato Costa Lima, ministro da agricultura, e dentro desse programa de integração da escola propus ao ministro que fizéssemos um estágio de trabalho com os estudantes de Piracicaba no Brasil todo. Ele aprovou a idéia e assim coordenei o 1º Programa de Estágio e Treinamento realizado em todos os Estados da federação. Foi esse programa de estágio que deu origem ao projeto Rondon. Ninguém sabe disso. Foi aqui, no Calq, na Esalq, que saiu o embrião do treinamento do estudante de acompanhar a realidade da agricultura brasileira em todos os seus mais diversos aspectos.

JP - São muitas histórias mesmo...

Arruda - Se eu começar a falar e a olhar muito as fotos, sou capaz de chorar. Foi muito suor, lágrimas, trabalho. Muita

dedicação. O Calq foi palco de muitas reuniões políticas. Nosso grande sonho era a construção do prédio, e aconteceu. Fomos intransigentes na defesa da democracia contra a repressão, com o papel do estudante. Quando o Jânio (Quadros) renunciou ainda estávamos no prédio antigo (na rua Prudente de Moraes) e formamos um grupo de resistência pela legalidade contra as forças que impunham um novo sistema ditatorial no Brasil. Nesse mesmo período, construímos a casa do estudante, a piscina - início do nosso trabalho por meio da atletica - e uma série de outros eventos.

JP - Eram outros tempos, outras ideologias, bem diferentes das de hoje.

Arruda - A vivência era muito forte. Hoje falta o sentido de politização e história. Sei dos acontecimentos que vivi quando presidi o Calq, mas acompanhei aqueles que me sucederam. O

Calq foi e deveria continuar sendo palco das grandes discussões políticas do país. Não tiveram temas, dos mais variados, sobre a conjuntura política da época, um período pré-revolucionário e pós, que não passaram por lá. Quando eu sai da presidência, queriam me prender, mas não tinham razões para isso.

JP - Resumidamente, o Calq foi puro amor?

Arruda - Não foi porque continua sendo, amor, vida, e história. Felizmente eu não consigo me desligar da escola, tenho um cordão umbilical aqui, um amor muito grande pela vida estudantil, pelo interesse que os jovens têm na agricultura. Só acho que eles devem ter a consciência de que devem devolver para a sociedade aquilo que ela lhes deu com o ensino gratuito. Eu nunca deixei de contribuir. Sou produtor rural, vivo da agricultura e da pecuária. Me orgulho disso.

HERDEIRO DE UMA TRADICIONAL REPÚBLICA

Nas palavras de Cristiano Walter Simon, ex-presidente do Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), "poucos são os que ainda se lembram da antiga sede do Calq instalada num antigo sobradão da rua Prudente de Moraes. Ali funcionou o Calq desde sua fundação até 1963, quando foi inaugurada a nova sede que a maioria dos ex-alunos da Esalq frequentou".

Naquela época, "nos tempos de bicho", em 1961, quando não existia ainda a Casa do Estudante, nem apartamentos para morar, - lembrando que Piracicaba não tinha um único prédio - a sede do antigo Calq era visita obrigatória de quase todos os estudantes de agronomia, de segunda a sexta-feira. "Ali chegávamos a partir das 19h ou 20h, passávamos pela vendinha, onde todo material escolar podia ser encontrado, disputávamos campeonatos de sinuca e os poucos jornais disponíveis, lembrando que os da Capital chegavam com um ou dois dias de atraso", relembra.

"Havia ali um consultório dentário, daqueles com a broca acionada por fio de aço, de baixa rotação, que fazia do tratamento dentário um sofrimento indescrivível. Os colegas mais politizados se reuniam numa área externa, onde eram tratados os mais relevantes assuntos de natureza econômica, política e social, assim como temas relacionados à agricultura e políticas agrícolas que o país deveria adotar para fazer do

Brasil o tão acalentado celeiro do mundo. Afinal, todos estávamos lá porque acreditávamos que a agronomia seria a profissão do futuro. E estávamos certos", afirma Simon.

E enquanto tudo parecia uma grande comunhão, estudantes visionários e idealistas trabalhavam na construção da nova sede, cujo terreno foi conseguido por processo de usucapião na rua Voluntários de Piracicaba, onde há mais de 20 anos funcionava a república Pau-Preto. "O Calq se tornou legítimo herdeiro de uma tradicional república. Finalmente, em maio de 1963, o presidente Roberto Cano de Arruda inaugurava a nova sede, de três pavimentos, grande auditório, salas de reunião, biblioteca, área social, vendinha, mais tarde a Cooperativa de Material Escolar, instalações para a AAALQ (Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz), departamento feminino, e outros", relembra.

PRESIDENTE NO PRÉDIO

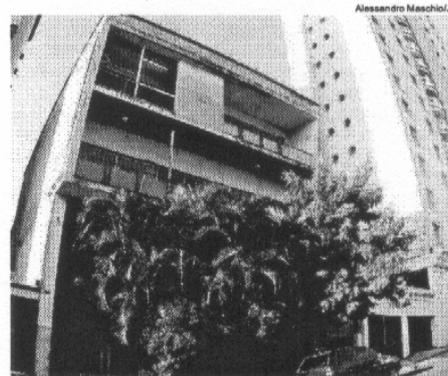
Foi na nova sede, inaugurada em 23 de maio de 1963 por Roberto Cano de Arruda, que Simon assumiu a presidência do Calq. "Fui a primeira pessoa a assumir o cargo de presidente no novo prédio. O início da gestão foi relativamente tranquilo, eu era o candidato da situação, e tive apoio do Arruda. Quando eu assumi uma

das minhas prioridades foi a criação da Cooperativa de Material Escolar e a Reforma de Ensino da Esalq, que teve coordenação do Roberto Rodrigues", conta. "Minha gestão sofreu forte impacto do movimento militar, que se instalou capitaneado por Marechal Castelo Branco. Naquele momento houve perseguições, prisões, colegas que saíram de Piracicaba e uma série de alterações na pacata vida que até então vivíamos. Eu, como presidente do Calq, e o Eurípedes Malavolta - diretor da Esalq entre 1964 e 1970 - fomos submetidos a longos interrogatórios da junta que apareceu na escola".

Na época, o hábito de frequentar o Calq todas as noites transferiu-se para a nova sede. "Porém, a vida política do país, polarizada entre os adeptos do presidente João Goulart, e aqueles de Carlos Lacerda, líder da ala conservadora, resultou em divisão bem definida entre colegas de esquerda e de direita. Outros permaneciam alheios às questões ideológicas ou mantinham-se no chamado centro de tendência pacifista e conciliadora. O Calq então, não era mais aquele lugar para encontros sempre amigáveis, descompromissados, que terminavam ao redor das mesas de sinuca ou no cafezinho. Ali se discutia política, o país estava fervendo com a oposição ao regime de Jango, liderada por Lacerda no Rio de Janeiro (então Estado da Guanabara) e Magalhães Pinto, de Minas Gerais", confessa.

Simon destaca como lembranças inesquecíveis dos seus tempos de Calq a vinda de Juscelino

Kubitschek de Oliveira (1902-1976) para a cidade e até as dificuldades com companheiros que foram presos na cidade. "Foi uma época que marcou bastante a todos. Não sei como seria a vida das pessoas hoje sem ter passado pelo Calq e pela Esalq. Tenho orgulho disso", declara Simon. (Marcela Benvegna)



Prédio na rua Voluntários de Piracicaba foi inaugurado em 1963

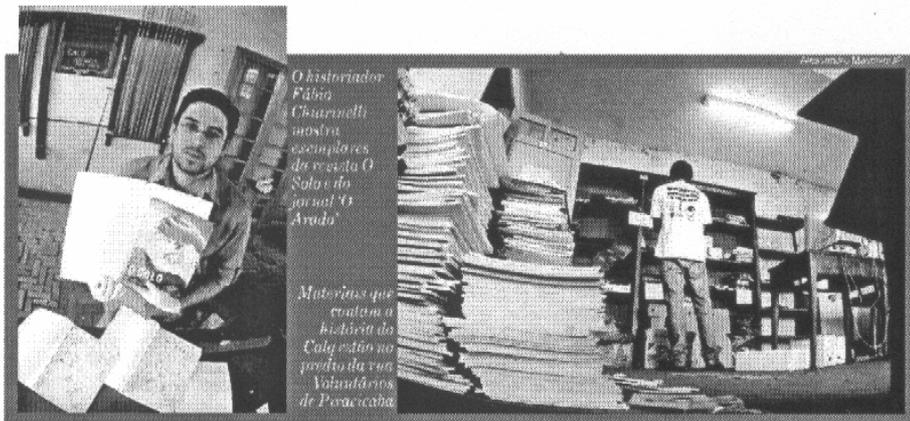
CALQ 100
ANOS

1 século de lutas, glórias e conquistas.

Parabéns.



FEALQ
www.fealq.org.br



O historiador Fábio Chiarinelli mostra exemplos da revista O Selo e do jornal O Arado

Materiais que tratam a história do Calq estão no prédio da rua Voluntários de Piracicaba

ACERVO REÚNE MAIS DE 200 MIL IMAGENS E DOCUMENTOS

MARCELA BEVENEU
marcela@ipjournal.com.br

É nos papéis quebradiços, nas imagens em preto-e-branco, naqueles documentos em que quase não se entende a letra, ou mesmo o contexto, que parte da história do Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), está registrada. Eles são inúmeros, mais de 200 mil, sem contar os materiais iconográficos e museológicos. Atualmente, separados em pastas pretas e protegidos com capas de papel natural, esse raro material respira quieto e aguarda um novo capítulo de sua história.

É no prédio já vendido do Calq – localizado na rua Voluntários de Piracicaba – que os documentos esperam a nova casa, já organizados. Foi em 2007, na gestão de Renato Morgado, que eles começaram a ganhar olhares mais atentos. “O acervo estava muito desorganizado e em condições de armazenamento muito ruins no prédio. Por conta do

Calq ter uma grande história e ali termos um acúmulo de documentos enorme resolvemos ter a idéia de organizar aquilo em pastas, por datas e assuntos, para que isso não se perdesse, e para que pudéssemos contar as nossas próprias lutas de maneira organizada um dia”, fala Morgado, presidente do Calq, na gestão 2006/07.

“Contar a história de qualquer espaço sem documentos é uma tarefa muito difícil”, fala o historiador piracicabano Fábio Chiarinelli, 33, formado pela Universidade de São Paulo, que foi o responsável pelo projeto de limpeza e separação dos documentos do Calq. “Temos aqui muitos materiais dos anos 50 e 60. É uma história que precisa ser recuperada”, fala Chiarinelli, que descobriu muitos casos desde que começou a trabalhar no acervo. “O busto de Luiz de Queiroz, que é um marco na escola hoje, foi uma idéia do Calq e isso só foi descoberto depois, por meio de alguns documentos”, completa.

Ao longo do trabalho, que foi interrompido em novembro de 2008 por falta de verba, Chiari-

nelli, apresentava à presidência do Calq relatórios dos materiais encontrados no acervo. “Antes de ver o conteúdo de qualquer material, foi preciso separar e limpar todos os documentos que tinham ligação com o Calq. Encontramos muita coisa que não era do centro e esse material está guardado”, fala. “Encontrei aqui documentos da Associação Atlética Acadêmica, do restaurante universitário, do departamento editorial, departamento cultural, que promovia discussões de filmes no Cinecalq, shows, da construção da piscina, da casa do estudante, e outros”, diz Chiarinelli.

O historiador conta que o departamento editorial do Calq funcionava perfeitamente. “Os estudantes compravam as apostilas dos cursos no prédio do Calq. As pessoas trabalhavam voluntariamente e os alunos se organizavam e imprimam esse material no local. Eles fizeram uma rifa e compraram uma máquina para isso. Temos documentos que contam essa história aqui. E finalmente isso já está organizado”, narra Chiarinelli.

REGISTRO EM PAPEL

O mais antigo jornal universitário do país, “O Arado”, cuja primeira edição é de 1937, é uma publicação do Calq. “Em termos de quantidade de números, é o maior material que temos aqui. A nossa edição mais antiga encontrada até agora é de 1959, ainda é preciso encontrar os números mais antigos para se completar a coleção”, fala Chiarinelli. “Com a pesquisa percebi que era um jornal de estudantes mesmo, com charges, críticas, desenhos. Dava para perceber como eles eram comprometidos e engajados no que se propunham”, completa.

PAIS DE UMA GRANDE FAMÍLIA

Alessandro Meschio/JP



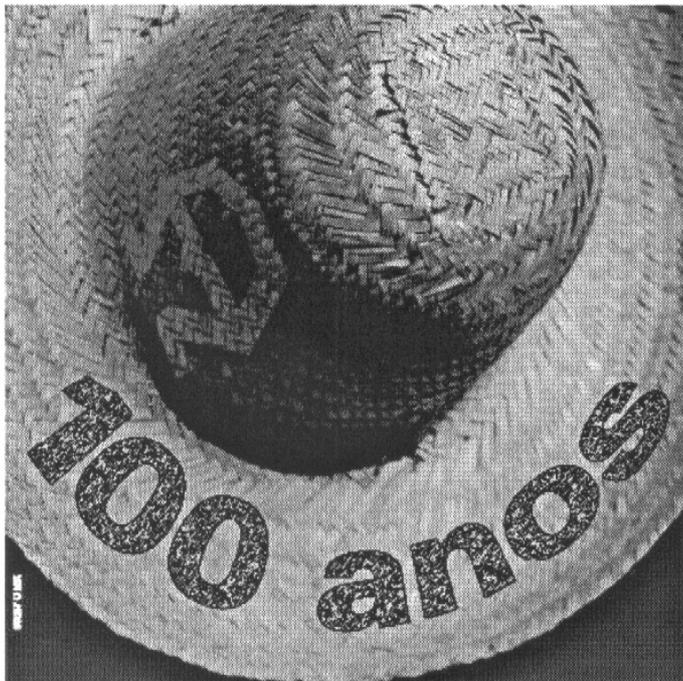
Roque Messias de Oliveira e a esposa, Judite, acompanharam a vida dos estudantes por 37 anos

Impossível não se encantar com a vitalidade de Roque Messias de Oliveira, 80. Ele foi os olhos de uma geração que durou exatos 37 anos, tempo em que trabalhou no Calq (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz), da Esalq (Escola Superior de Agricultura). Seu Roque, como é conhecido, foi um homem de múltiplas funções. Era vendedor de bebidas, zelador, cuidava dos horários em que os jovens poderiam jogar sinuca, limpava o espaço, vendia convites de festas. Foi pai, psicólogo, ouvinte, que tem como companheira inseparável Judite, com quem é casado há 48 anos. Com um largo sorriso nos lábios, olhos azuis transparentes que brilhavam a cada caso, uma cabeça que gravou as maiores memórias do Calq e um beato confesso, ele recebeu a reportagem do Jornal de Piracicaba para um bate-papo, aqui narrado por ele.

sa e meus cinco filhos. A casa mesmo eles nunca arrumaram porque o Calq era minha casa. Nos mudamos em 1976. Eu já estava aposentado e continuava lá. Aquilo foi a minha vida”.

AMOR ENCARNADO

“Os alunos me homenageiam sempre. Eu e Judite até fomos padrinhos de casamento de uma aluna em Santa Catarina. Já viajamos muito para visitar alunos. Eles sempre vêm a nossa casa. Naquela época, a gente sabia o que se passava com todos eles. Fomos pai e mãe de muitos. Eles vinham comer com a gente. Nossos filhos se misturavam aos 300 outros alunos que toda noite estavam no Calq, faziam tarefas juntos, viviam aquele momento. Até hoje temos uma ligação profunda. Os alunos nos vêem, trazem seus filhos para estudar aqui e choram de tantas lembranças boas que vivemos”.



100 anos

CALQ 100
ANOS 1909 a 2009

**Parabéns,
parceiro desde 1909**

Jornal de Piracicaba 108
www.jornaldepiracicaba.com.br

No acervo, também encontram-se coleções de O Solo, uma publicação com distribuição mundial, que divulgava ensinamentos de uma agricultura carente de literatura, ao mesmo tempo em que apontava os estudos desenvolvidos na Esalq. 'O Solo' mais antigo que temos é de 1926 e a primeira edição é de 1909. Ele foi o começo de tudo no Calq. Era uma revista que trazia ao público artigos técnicos escritos pelos alunos", fala o historiador. E quem pensa que a publicação era simples, se engana. "O Calq tinha um equipe de seleção de textos", conta.

Em meio as pastas – fechadas e lacradas por conta da mudança – é possível encontrar "O Implemento", "O Bandeirão", "Informe Cinecalq", "Opinião", "Arranha CEU", e outros. "Todas as revistas e jornais que o Calq publicou ao longo a sua história estão dentro destas pastas. Muitos materiais eram de uma única gestão, por isso não se tem muitos números. Interessante também destacar alguns volumes de 'A Grade' que apareceu para fazer críticas ao 'O Arado'; e 'Ensaio', que era um material mais refinado, que promovia discussões mais reflexivas. Em uma edição, por exemplo, encontrei a informação de que o general Emílio Garrastazu Médici (1905-1965) foi o paraninfo da turma de 1971, na escola", relata.

Chiarinelli conta que quando iniciou a organização do acervo, pensou que fosse encontrar no Calq uma espécie de movimento estudantil, porém, encontrou outro formato. "Os alunos tinham uma relação formal e de respeito com a política. Iam além dos conceitos técnicos, estavam preocupados com a cultura e com a qualidade do ensino. No meio dos documentos, encontrei um abaixo-assinado dos alunos reivindicando que todos os professores deveriam ser concursados", conta. "O Calq não foi só uma instituição política importante, como fez política pública na cidade. Nos anos 60 eles faziam doação de cesta básica para os necessitados, de brinquedos para crianças no final do ano. A participação saía da universidade e estendia os braços para o município, por isso era tão forte".

Segundo Samuel Ferreira Balleiro, 22, presidente da atual gestão, o projeto deve ser reativado. "O projeto é caro para o Calq, mas não pode ser perdido", fala. "Temos que continuar porque a história pode e deve ser contada por meio desses documentos", completa Caio César Dias, 20, tesoureiro da atual gestão.

O INÍCIO

"Sou detalhista. É uma palavra daqui, uma de lá, que faz a diferença. Eu falo bastante. Tenho uma boa escola da vida. Meu pai morreu muito novo e com 15 anos tive que tocar a fazenda dele. Fiquei tomando conta das propriedades uma época, depois tive comércio, trabalhei em usina. Tive um bar, que também tinha espaço para quitanda, na rua 13 de maio com a rua Tiradentes, e eu atendia a república Pau-Preto, que era na rua Voluntários de Piracicaba, e depois se tornou sede do Calq. Então eu já conhecia aquela turma, vendia muito para eles, até para o Calq, ainda na Prudente de Moraes. Quando cansei do comércio, vendi tudo e fui trabalhar num banco. Eu não tinha escola para aquilo. Até que depois de uns pares de meses pedi demissão. Nunca procurei emprego. Deus é bom porque sempre me apareceram oportunidades".

EMPREGO GARANTIDO

"Quando pedi demissão do banco, tinha os 30 dias para procurar emprego. Fiquei sabendo que o zelador do Calq, o Setu Títico (Antônio Veríssimo, ingressou no Calq em agosto de 1939 e permaneceu por mais de 30 anos), estava doente e eles pediram para eu ficar no lugar dele. Disse que aceitaria somente os seis meses porque muitas repúblicas tinham me dado o cano e eu não queria muito trabalhar com eles. Assinei um contrato e no dia 21 de março de 1969 comecei a trabalhar para o Calq. Os seis meses passaram, o Títico morreu e até foi velado no Calq, e eu queria sair, mas eles não deixavam. Cada hora arrumavam um motivo para eu ficar. Até levei minha mulher para trabalhar comigo. Fazia de tudo naquele lugar".

1976

"Estava ficando difícil continuar trabalhando no Calq porque era longe da minha casa. Falei para eles que ia sair, e não me deixaram novamente. Me perguntaram o que eu queria e disse que uma casa mais perto do trabalho. Eles me falaram que iam arrumar uma casa, mas não era naquele momento, e tiveram a ideia de separar uma parte do prédio para mim, no último andar, para que eu morasse com a minha espo-

LUTAS POLÍTICAS

"Participei de tudo. Me ensinaram tudo, de política, agricultura, zootecnia. Eu sempre contava histórias para eles e aquilo servia de inspiração para alguma coisa. Gostava de vê-los engajados nas causas. A cada presidente, entrávamos em novas lutas. Uns eram de direita, outros de esquerda, e eu e minha família tínhamos que ser os neutros. (risos) A partir do momento que criei coragem e passei a entender a vida deles, cheguei até a acompanhá-los em viagens específicas porque alguns professores não podiam ir e me indicavam. Eu ficava doente quando não podia ir. Adorava aquilo, ouvir a história que eles contavam dos ser-tões. Uma vez fiquei com eles fazendo pesquisa no Pará, 22 dias. Às vezes, quando eu ia fechar o Calq de madrugada para dormir, e chegava um aluno que queria desabafar porque tinha brigado com a namorada ou deixava ele entrar; outras vezes amanheci vendo a turma jogar sinuca. Como foi maravilhoso. Foi bom demais. Me reconheci como ser humano".

PARA SEMPRE

A última prestação do prédio do Calq na Voluntários de Piracicaba foi o que fui eu ao banco pagar. Eu fazia de tudo. Quando eles não podiam fazer alguma coisa, lá ia eu resolver: lá no correio pegar e enviar até correspondência secreta. Durante o dia, os alunos ficavam na agronomia, e depois das 19h, o Calq já tinha 300 pessoas. Quando tudo acabou, a gente sentiu um vazio. Saudade que ficou. Tenho uma caixa com muitas lembranças, são homenagens, convites de formatura, de casamento, documentos, que às vezes pego para mexer. Eu sempre falei que quando morresse queria ser velado lá. Ficar no prédio no meu último dia. Quando sai da casa, acabou a minha vida. Amei viver com os jovens. Como fui feliz naquele tempo. Os laços esalqueanos são uma família. Uma grande família até hoje. Não dá para explicar com palavras o que vivemos naqueles anos. Agradeço tanto a Deus... O amor pela Esalq é inexplicável. Não foram somente 37 anos de convivência. É vida até hoje". (Marcela Benvegna)